

A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história

Patrícia Ribeiro¹

RESUMO: Este trabalho analisa a obra *Poemas da recordação e outros movimentos* de Conceição Evaristo como um possível arquivo da escravidão, pois o eu poético reelabora a memória e o discurso desse fato histórico a partir da perspectiva dos afrodescendentes. Para isso, dialoga-se com o conceito de arquivo elaborado por Michel Foucault e Jacques Derrida.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Memória; Arquivo; Diáspora.

Introdução

O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.
Jacques Le Goff

A escritora Conceição Evaristo nasceu em 1946, em Belo Horizonte, cidade em que morou até 1971, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde reside atualmente. Ela é Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). A estreia da autora ocorreu em 1990 na série *Cadernos Negros*, publicação organizada pelo grupo Quilombhoje, dedicada à literatura afrodescendente. A partir de então, Conceição Evaristo vem trilhando o caminho de uma escritora versátil por transitar pela esfera de diversos gêneros como poesia, romance, contos e ensaios. Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* foi publicado em 2003, no Brasil, e traduzido ao inglês em 2007. Posteriormente, publicou o romance *Becos da memória*, em 2006, seguido de uma obra poética com o título *Poemas da recordação e outros movimentos*, lançada em 2008.

As obras de Conceição Evaristo, em linhas gerais, versam sobre questões relativas à memória, escrita feminina, resistência, o legado histórico e as influências do processo diaspórico na elaboração da identidade dos afrodescendentes.

Este trabalho atém-se à análise da obra *Poemas da recordação e outros movimentos* e propõe que esta seja encarada como um possível arquivo da escravidão, uma vez que, por meio da intervenção da memória, reformula os fatos do passado, impossibilitando o

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

esquecimento destes e apresentando uma história refeita pelo eco das vozes que outrora eram periféricas e silenciadas. Assim, para que se atinja o objetivo deste trabalho dialoga-se com o pensamento de Michel Foucault e Jacques Derrida, além de teóricos da área dos estudos culturais como Stuart Hall e Paul Gilroy.

1. Memória e arquivo

De acordo com as proposições de Andreas Huyssen (2000), nos últimos anos, a emergência da memória como uma preocupação política e cultural das sociedades ocidentais contrasta com a atenção dada ao futuro nas primeiras décadas da modernidade do século XX. Ainda segundo Huyssen (2000), o privilégio atribuído ao passado deve-se à alteração de nossa percepção da temporalidade, a qual sofreu modificações em face das mudanças tecnológicas, mídia de massa, novos padrões de consumo e mobilidade global. Assim, dialogando com esse autor, pode-se considerar o destaque dado à memória como uma tentativa de evitar o esquecimento e também como um recurso para alcançarmos a estabilidade, ainda que relativa, diante das constantes mudanças no mundo ao redor.

Nesse sentido, a análise de *Poemas da recordação e outros movimentos* justifica-se, pois a obra tem feição memorialística e pode ser lida como uma afronta ao esquecimento da escravidão. Porém, essa antologia não evoca a memória na tentativa de resgatar o regime escravocrata a partir da visão eurocêntrica, que se consolidou no imaginário universal como o registro privilegiado para construção da história, mas, prima pelo relato sob a perspectiva dos afrodescendentes para que haja uma revisão e reelaboração da história sob o ponto de vista deles.

Dessa forma, a lembrança, que é fixada pela memória, é tomada com a ressalva apontada por Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade*:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com as imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado ‘tal como foi’ e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55)

Considerando que o discurso memorialístico não fixa o passado “tal como foi”, propõe-se encarar a poesia de Conceição Evaristo como um arquivo da escravidão, tendo em vista a definição de Foucault para o conceito de arquivo:

O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; [...]. Não tem o peso da tradição [...] não é, tampouco, o esquecimento acolhedor [...]; entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados. (FOUCAULT, 2007, p. 147-148).

A revisão da memória e a reescrita da história da escravidão somadas à possibilidade de constante reformulação e formação de enunciados permite a análise dessa produção poética à luz do conceito de arquivo elaborado por Foucault. Mas, além dessa acepção para o arquivo, observa-se também a definição para esse conceito presente em *Mal de arquivo*, de Jacques Derrida.

O pensador e escritor francês define o arquivo a partir da etimologia da palavra *arkhê*, que designa simultaneamente o começo e o comando, portanto, abarca em si dois princípios: princípio histórico ou ontológico, que diz respeito à natureza, à história, à origem — “ali onde as coisas começam” e o princípio nomológico, que se refere à lei — “onde os homens e os deuses comandam” — ao lugar onde se exerce a autoridade (DERRIDA, 2001, p.11).

O princípio nomológico remete à necessidade de um local que servisse de suporte ao arquivo e de pessoas que zelassem por ele e o interpretassem. Isso converge para o *arkheion* grego, ou seja, a residência dos magistrados, os arcontes, responsáveis por administrar o arquivo, onde se depositavam os documentos oficiais. Assim, desse caráter de domicialização nasceram os arquivos. Já o princípio ontológico que aponta para a história e a busca da origem dos eventos concede ao arquivo a função de suporte da memória. Esses dois princípios serão contemplados na análise de *Poemas da recordação e outros movimentos*, pois o eu poético assume a função destinada aos magistrados em relação ao arquivo, ou seja, de zelar por ele e interpretá-lo, além da possibilidade de leitura dos poemas como um arquivo da escravidão, isto é, como suporte para ressignificação da memória desse evento histórico.

Além disso, o interesse pelo arquivo como suporte da memória, deve-se à possibilidade de se preencher as lacunas do discurso elaborado pelos grupos dominantes, pois, conforme aponta Jacques Le Goff:

tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p.422).

2. Percorrendo os caminhos da história

A história é objeto de uma construção
cujo lugar não é o tempo homogêneo e
vazio, mas um tempo saturado de agoras.
Walter Benjamin

A memória evoca lembranças na tentativa de fixá-las por meio do discurso e essa atitude implica a existência do arquivo como suporte para a memória, além da consciência de que o passado não surge “tal como foi”, mas, sim, sob rasura, uma vez que, como aponta Foucault, o arquivo consiste no sistema de reformulação dos enunciados.

No poema “Filhos na rua”, o eu poético anuncia o retorno do banzo e a presentificação do passado, que é reformulado nos versos abaixo:

O banzo renasce em mim.
Do negror de meus oceanos
a dor submerge revisitada
esfolando-me a pele
que se alevanta em sóis
e luas marcantes de um tempo
que está aqui.
(p.12)

O banzo, nostalgia que acometia os escravos trazidos da África, assalta o eu poético, retirando a dor do espaço difuso das lembranças, metaforizado pela imagem do oceano, conforme os versos — “Do negror de meus oceanos / a dor submerge revisitada”. No fragmento acima, a presentificação e revisão das lembranças da escravidão fazem-se por meio da marcação temporal, ou seja, a sucessão dos dias e das noites é interceptada pela memória, que traz à tona o tempo e as lembranças do passado que geram marcas no corpo do eu poético.

A estrofe seguinte reitera a presença do banzo, pois se inicia com o mesmo verso da abertura do poema. Em paralelo à recuperação do banzo, surge a mulher da aldeia com o desejo de recolher no seu útero-terra as sementes, que denotam os afrodescendentes dispersos com a escravidão:

O banzo renasce em mim
e a mulher da aldeia
pede e clama na chama negra
que lhe queima entre as pernas
o desejo de retomar
de recolher
para o seu útero-terra

as sementes
que o vento espalhou
pelas ruas ...
(p.12)

O desejo da mulher de trazer para perto de si os filhos dispersos devido à diáspora é reforçado pelos verbos pedir, clamar, retomar e recolher. Vale ressaltar que o conceito de diáspora, de acordo com Stuart Hall (HALL, 2009, p.28), remete à experiência judaica de exílio forçado, associada à dor e ao sofrimento, narrada na Bíblia, no Velho Testamento. Assim, por analogia, o conceito também se aplica ao deslocamento involuntário dos negros, oriundos da África, que se dispersaram pelo mundo por causa da escravidão. Entretanto, não se deve pensar na diáspora apenas com a perspectiva de movimento, mas encará-la como um evento que não aponta exclusivamente para o tráfico de escravos, mas para a ideia de travessia, a qual envolve o fluxo de pessoas e a manutenção das relações sociais, além do legado desse evento para os afrodescendentes.

Essa atribuição semântica ao conceito é elaborada por Paul Gilroy, com a noção de Atlântico negro, que transcende a estrutura de estado nação e remete às trocas e

[às] formas culturais estereofônicas, bilíngües, bifocais originadas pelos — mas não mais propriedade exclusiva dos — negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória, a que tenho chamado heurísticamente mundo atlântico negro. (GILROY, 2001, p.35)

Assim, pensar o evento da diáspora, a memória e as relações sociais e de troca que o conceito pressupõe, converge, nessa análise, para a herança cultural desse processo para os afrodescendentes. O poema referido acima, funciona como um arquivo da escravidão, na medida em que o eu poético recupera a dor envolvida na dispersão dos escravos, mas vai além ao expor as relações sociais por trás do sofrimento, como o desejo de uma mãe de reatar os laços com seus filhos.

Além disso, em “Filhos na rua” observa-se a associação da mulher aos elementos da natureza, como já ocorreu em outras épocas na produção literária em uma caracterização tradicional de gênero feminino na literatura Ocidental e, também, na perspectiva da cultura de matriz africana, à qual a autora pode estar remetendo. A expressão “útero-terra” e o vocábulo “sementes” apontam para uma característica intrinsecamente feminina, a maternidade. Já a presença da palavra “rua” no título e nos últimos versos permite a associação do poema ao contexto contemporâneo, isto é, a rua como o lugar em que se encontram muitos afrodescendentes marginalizados devido a questões políticas e sociais.

No poema “Todas as manhãs”, o banzo está presente novamente, mas aqui é atrelado à imagem do navio negreiro, porém, não se elabora a memória do horror e submissão da escravidão, já que os versos finais exprimem esperança e resistência, conforme se observa a seguir:

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós .
(p.13)

O título do poema remete à rotina ao amanhecer, ou seja, à percepção do eco da voz-banzo, que funciona como elo de ligação entre o passado e o presente, pois essa voz caracteriza-se como “âncora dos navios de nossa memória”. Ainda vale ressaltar que o poema alterna a voz poética em primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, quando remete à coletividade, aos afrodescendentes.

A imagem do navio, na estrofe destacada, suscita a lembrança dos horrores no traslado dos escravos nos porões dos navios. Mas, o poema ultrapassa esse momento histórico ao projetar a realização dos sonhos “protegidos pelos lençóis da noite”, os quais, ao abandonar o espaço obscuro da noite serão revelados “no varal de um novo tempo”. Isso aponta para a autonomia dos afrodescendentes em oposição à submissão de seus antepassados, os escravos, pois eles têm maior possibilidade de realizar sonhos relativos às mudanças, já que vivem em um “novo tempo”, um outro contexto histórico.

O signo da terra, que remete às lavouras nas quais os escravos trabalhavam é reelaborado ao inserir-lo no contexto de mudança, esperança e resistência construído pelo poema. Nos versos, as lágrimas dos afrodescendentes inundam a terra, onde seus pares, as “negras sementes”, metáfora para os escravos, resistem. Assim, a memória de resistência dos escravos permite a identificação, por parte dos afrodescendentes, com seus antepassados, para que, no presente, se perpetue a atitude de resistência e a esperança.

O arquivo, nesse poema, abarca a perspectiva de reelaboração de enunciados, proposta por Foucault, no que se refere ao imaginário e, principalmente, aos signos da escravidão como o navio negreiro e as lavouras, um dos ambientes de trabalhos dos escravos. Além da

associação do poema ao princípio ontológico do arquivo, descrito por Derrida, o qual consiste em olhar para a origem dos eventos, para a história, aqui refeita pela voz dos afrodescendentes.

Ainda em relação ao contraponto que o olhar dos afrodescendentes oferece para a escravidão e a projeção de esperança no presente, tem-se o poema “Para a menina”, no qual a relação do eu poético com a menina, é interceptada pela lembrança de fatos históricos, como se observa a seguir:

Desmancho as tranças da menina
e os meus dedos tremem
medos nos caminhos
repartidos de seus cabelos.

Lavo o corpo da menina
e as minhas mãos tropeçam
dores nas marcas-lembranças
de um chicote traiçoeiro.
(p.25)

Nesses versos, a ação de desmanchar as tranças da menina faz com que o eu poético transcenda esse momento presente e tenha sua visão deslocada para o espaço da memória, de onde emerge a lembrança dos tempos da escravidão. Esse comportamento do eu poético remete ao conceito de “iluminação profana”, o qual segundo Walter Benjamin (1994) diz respeito ao transtorno do homem diante do mundo, isto é, ao momento de confrontação do homem com o mundo que o conduz à percepção de fatos, até então, opacos, que ele não havia notado. Assim, ao lavar o corpo da menina, o eu poético hesita, pois desvia seu olhar para outro contexto, recordando os açoites aos escravos, como se verifica nos versos: “e as minhas mãos tropeçam/ dores nas marcas-lembranças/ de um chicote traiçoeiro”.

A visão distorcida do eu poético que oscila entre o cuidado com a menina e o deslocamento para o passado perdura na estrofe seguinte às transcritas acima, pois o passado sobrepõe-se ao presente e a cor da veste da menina transfigura-se aos olhos do eu poético e remete ao sangue no corpo dos escravos:

Visto a menina
e aos meus olhos
a cor de sua veste
insiste e se confunde
com o sangue que escorre
do corpo-solo de um povo.
(p.25)

Contudo, na última estrofe desse poema, a visão do eu poético não está mais embaralhada. Ele enxerga nitidamente o presente, logo, a roupa da menina é descrita com a forma bem definida e sua cor não mais se confunde com o sangue derramado pelo corpo dos escravos:

Sonho os dias da menina
e a vida surge grata
descruzando as tranças
e a veste surge farta
justa e definida
e o sangue se estanca
passeando tranquilo
na veia de novos caminhos,
esperança.
(p.25)

Além disso, vislumbra-se um novo tempo, uma vez que o poema, funcionando como arquivo da memória dos açoites e dores da escravidão, vai além desse contexto e sugere que, no presente, há esperança, a qual possivelmente está relacionada à vida dos afrodescendentes, bem como à vida da menina do poema que pode ser melhor do que a de seus antepassados.

Além da reelaboração do passado, a memória também contribui para a elaboração da identidade dos afrodescendentes e sua valorização como um grupo. Zilá Bernd defende a relevância da memória para a constituição da identidade do grupo:

A recuperação dos elementos da memória coletiva será o vetor da consolidação de uma identidade mais abrangente. Alicerçados em uma memória coletiva, resgatada, os grupos negros passariam a ter certeza de si próprios e acesso a esta dimensão mais ampla da identidade, que os integraria como agentes e não mais como atores na realidade nacional. (BERND, 1987, p.41)

Assim, conforme Bernd, a recuperação, pela memória, de fatos comuns aos afrodescendentes é relevante na medida em que propicia a eles uma visão ampla da sua identidade, pois, dessa forma, eles abandonam a marca de submissão imputada pela história e tornam-se agentes.

O poema “Malungo, brother, irmão” corrobora a assertiva de Zilá Bernd no que tange à imagem de sujeição da coletividade, que, mais tarde, ganha autonomia:

No fundo do calumbé
nossas mãos ainda
espalmam cascalhos
nem ouro nem diamante
espalham enfeites
em nossos seios e dedos.
(p.39)

Nesses versos, a voz poética assume a primeira pessoa do plural, o que denota o espírito do trabalho coletivo nas margens dos rios onde os escravos realizavam a lavagem do cascalho, com o auxílio do calumbé, uma vasilha, em busca de ouro ou diamante.

No entanto, com o passar do tempo, sem abandonar o ideal coletivo, os escravos tecem laços de esperança como se verifica nos versos a seguir:

Os homens constroem
no tempo o lastro,
laços de esperanças
que amarram e sustentam
o mastro que passa
da vida em vida.
No fundo do calumbé
nossas mãos sempre e sempre
espalmam nossas outras mãos
moldando fortalezas esperanças,
heranças nossas divididas com você:
malungo, brother, irmão.
(p.39)

A construção do lastro e a convocação à união dos afrodescendentes aos ideais de esperança e mudança que nortearam os escravos fazem-se através do resgate da palavra africana “malungo”, que significa companheiro, mais especificamente é uma designação dada pelos escravos africanos àqueles que saíram da África no mesmo navio. Dessa forma, o eu poético, assumindo uma voz coletiva e o princípio do arquivo como comando, assinalado por Derrida (2001, p.11), propõe o diálogo entre a postura de reação, união e perspectiva de esperança dos escravos e seus companheiros com os afrodescendentes que, aproveitando-se da herança de resistência dos antepassados, podem se recusar à submissão e se assumir como agentes da sua história.

Ainda com relação à atitude de resistência e a oposição à imagem estereotipada dos negros difundida como justificativa para a escravidão, observa-se o fragmento abaixo, do poema “Os bravos e serenos herdarão a terra”:

[...]
No cotidiano busco a plêiade
tenaz da esperança
e plenificada de crença e gozo
encontro outras laboriosas mãos
revolvendo a terra
e retomando as sementes
dos falsos donos da gleba.
(p.42)

Esses versos denunciam o problema social do acesso a terra. No Brasil, mesmo após a abolição, em 1888, os ex-escravos tiveram dificuldade de ascender socialmente, pois muitos ficaram sem postos de trabalho ou aqueles que os tinham não eram remunerados dignamente, impossibilitando, assim, a aquisição de um pedaço de terra para seu sustento e moradia. Mas, o trecho do poema destacado acima mostra a tomada de posse das terras pelos afrodescendentes por meio da “união de mãos laboriosas” que tomam as sementes dos “falsos donos da gleba”, uma possível referência aos proprietários de terra do período colonial cujo sustento e riqueza advinham não do seu próprio trabalho, mas da exploração dos escravos.

Além disso, esse poema rompe com o estereótipo de que os negros e, por herança, os afrodescendentes, seriam homens “mansos”, uma das características atribuída a eles para justificar a vigência do regime escravocrata, como se verifica no excerto abaixo:

Slave dealers and plantation owners elaborated a ‘folk anthropology’ — unchecked generalizations about the traits of various African ethnic groups whom they graded according to European norms of attractiveness and ugliness, docility and combativeness, and especially according to their suitability for various kinds of work. (DRAKE, 1980, p.7) 2

O poema destacado subverte o ideal escravocrata, uma vez que, a ação dos afrodescendentes, a fim de tomar a posse da terra, demonstra que eles têm consciência e força, abandonando, assim, a condição estereotipada de “mansos”, tornam-se bravios, como mostra a estrofe abaixo:

Do cotidiano só rimos.
Sorrisimos o nosso sapiente riso
com os nossos dentes
abrilhantados de fome e força,
porque, aqueles que todos pensavam
mansos, bravios se tornaram
e então, seremos nós,
bravos e serenos,
que herdaremos a terra.
(p. 42)

Nesses versos nota-se a presença do riso apesar das condições adversas. No primeiro verso há um jogo sonoro derivado da aproximação do advérbio “só” ao verbo “rimos”, uma vez que a fusão dessas duas palavras antecipa o início do verso seguinte — “Sorrisimos o nosso

² Negociantes de escravos e proprietários da plantation criaram a “folk anthropology” — generalizações sobre as características de vários grupos étnicos africanos que eles classificaram de acordo com as normas européias de atratividade e feiura, docilidade e combatividade e, especialmente, de acordo com a aptidão deles [dos africanos] para vários tipos de trabalhos. Tradução nossa.

sapiente riso” — cujo brilho reflete a força e fome, elementos que remetem à atitude de resistência dos afrodescendentes.

Prosseguindo a análise da obra de Conceição Evaristo atrelada às concepções de arquivo mencionadas anteriormente, salienta-se também o caráter do arquivo com intenção autobiográfica. Segundo Philippe Artières (1998, p.12), desde o final do século XVIII houve a valorização da escrita pessoal, pois nesse contexto ela se difundiu nas práticas do cotidiano como a escrita dos registros civis, das fichas médicas, escolares e bancárias como instrumento para corroborar a existência de uma pessoa. Ainda segundo esse autor, no século XIX, os escritos autobiográficos tornaram-se artigos de comércio.

A escrita autobiográfica em Conceição Evaristo desenvolve-se por meio da inserção, nos poemas, de pessoas com as quais ela partilha laços afetivos como no poema “Negro-estrela” que se refere a Osvaldo, companheiro da escritora, conforme apontam a dedicatória e os versos transcritos a seguir:

Negro estrela

Em memória de Osvaldo, doce companheiro meu,
pelo tempo que a vida nos permitiu.

[...]
Quero te viver,
Negro-Estrela,
compondo em mim
constelações de tua presença
para quando um de nós
partir
a saudade não chegar sorrateira
vingativa da ausência
mas chegar mansa
revestida de lembranças
[...]
(p.59)

A voz autobiográfica desse poema, isto é, a voz da própria autora, deseja apreender a feição e as particularidades de Osvaldo, seu companheiro de vida, com o intuito de, mediante a morte, não ser abatida pela dor da ausência, mas, conservar saudáveis lembranças.

Outro poema de feição autobiográfica é “Mineiridade”, o qual trata da relação de Conceição Evaristo com sua terra natal:

Quando chego de Minas
trago sempre na boca um gosto de terra.
Chego aqui com o coração fechado,
um trem esquisito no peito.
Meus olhos chegam divagando saudades,

meus pensamentos cheios de uais
e esta cidade aqui me machuca
me deixa maciça, cimento
e sem jeito.
(p.68)

Observa-se que o distanciamento da escritora de sua terra natal faz com que ela sinta saudade de Minas Gerais, mas, em paralelo a isso, percebe-se que ela carrega as marcas de seu Estado de origem como o vocabulário típico, com termos como “trem” e “uai”. Esse fragmento também permite que se estabeleça a oposição entre Minas Gerais, que mescla a urbanização com suas montanhas, e o lugar em que Conceição se encontra, uma cidade plenamente urbanizada, pois o cenário exterior, repleto de cimento, reflete-se nela tornando-a “maciça” e “sem jeito”. Sendo assim, verifica-se que a autora enfrenta um conflito no que se refere à sua identidade, pois esta, conforme mostra o poema, é resultado da situação de “deslocamento”, definida por Stuart Hall como:

Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 2006. p. 9)

Assim, mediante o conflito de identidade enfrentado por Conceição Evaristo, seja pela ausência de um ente querido, seja pela situação de deslocamento no espaço geográfico, ratifica-se a importância do arquivamento do “eu” proposta por Dardy:

O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano. (DARDY *apud* ARTIÈRES, 1998, p.14).

Nesse sentido, os poemas de Conceição Evaristo que apresentam caráter autobiográfico podem funcionar como um arquivo do “eu”, o qual auxilia na manutenção das lembranças e dos afetos, além de proporcionar a reflexão e o contraponto entre a imagem de si no meio social e a imagem que uma pessoa constrói de si mesma.

Conclusão

Com esse trabalho buscou-se analisar a obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, considerando que o caráter memorialístico dessa produção poética, em virtude

do distanciamento espaço-temporal do evento da diáspora, impede o esquecimento do regime escravocrata e seu legado para os afrodescendentes.

Nessa análise, optou-se pelo diálogo com os pensamentos de Michel Foucault e Jacques Derrida, pois o conceito de “arquivo”, elaborado por eles, foi aqui utilizado como suporte para a memória da escravidão, presente na obra de Conceição Evaristo. Contudo, conforme o exposto privilegiou-se o olhar dos afrodescendentes sobre os fatos, o que aponta para o princípio nomológico do arquivo, descrito por Derrida, em oposição ao discurso eurocêntrico acerca da escravidão que se consolidou como um registro histórico através da imposição e tentativa de apagamento da identidade e cultura dos subjugados, isto é, dos escravos.

Nesse sentido, a obra de Conceição Evaristo pode ser lida como um arquivo da escravidão, tomando também o arquivo como uma constante possibilidade de formação e transformação de enunciados, tal como assinala Foucault, pois, dessa forma, a incursão pela história leva-nos a caminhos não antes percorridos, à percepção dos silêncios e ao preenchimento de lacunas geradas pelo discurso dominante.

Além disso, recorrendo ao conceito de arquivo e à memória, esse trabalho tentou comprovar a hipótese de que a história não é linear, nem se define pela acumulação de fatos que se tornam intactos no passado, mas é fruto de uma elaboração discursiva, podendo também ser reescrita e reinterpretada pelas vozes consideradas periféricas, sob o ponto de vista daquele que detém o poder. Assim, esse trabalho compartilha da definição de história proposta por Walter Benjamin (1994) como sendo “um tempo saturado de agoras”, isto é, a história não se define como elo linear e causal entre os fatos, mas se refere à concomitância de fatos no tempo-espaço que, por isso, podem ser revistos e reelaborados com o auxílio da memória.

Ainda é pertinente destacar que a obra abarca a possibilidade de “arquivamento do eu”, uma vez que poemas de feição autobiográfica expõem a imagem da autora construída no espaço social, por meio da sua relação com o outro, em contraponto à imagem que a autora elabora para si mesma.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the work *Poemas da recordação e outros movimentos* by Conceição Evaristo as a possible archive of slavery, for the speaker rebuilds the memory and the speech of that historical fact from the point of view of the African descendants. The analysis is based on the concept of archive elaborated by Michel Foucault and Jacques Derrida.

Key-words: Conceição Evaristo; Memory; Archive, Diaspora.

Referências:

- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. In: Estudos Históricos. Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERND, Zilá. **Negritude e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DRAKE, St. Clair. Anthropology and the black experience. In: **The Black Scholar**, set.-out., 1980, p.2-31.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad.: Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad.: Bernardo Leitão [et al.]. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.